

O ser mais freiriano e suas perspectivas ontológicas: implicações no ser docente

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo*, Carlos Ângelo de Meneses Sousa**

Resumo

O artigo visa apresentar as implicações do ser mais freiriano e suas perspectivas ontológicas no ser docente. Com base em uma pesquisa bibliográfica em obras de Paulo Freire e em publicações de especialistas afins à temática, constatamos que a perspectiva ontológica freiriana do ser mais tem implicações na docência. Propõe-se, por meio de uma revisão bibliográfica e da dialogia entre autores, ideias e conceituações, um debate sobre a envergadura teórico-epistêmica do ser mais freiriano, considerando-se a possibilidade de sua compreensão como fundamento ontológico do ser docente, compreendendo diferentes dimensões que permeiam a formação do profissional que atua no âmbito da educação. Espera-se, com este estudo, o resgate e a continuidade das proposições freirianas ao ser docente, a partir da sua vocação do ser mais.

Palavras-chave: ser docente; ser mais freiriano; ontologia.

Freirian being more and its ontological perspectives: implications on being a teacher

Abstract

The article aims to present the implications of Freire's being more ontological perspective on teaching. Based on a bibliographic research in Paulo Freire's works and in publications of specialists related to the theme, we found that the Freirian ontological perspective of being more has implications in teaching. By means of a bibliographic review and dialogue among authors, ideas, and conceptualizations, a debate on the theoretical-epistemic scope of Freire's being more is proposed, considering the possibility of its understanding as an ontological foundation of being a teacher, including different dimensions that permeate the formation of the professional who works in the field of education. With this study, we hope to rescue and continue the Freirian propositions about being a teacher, based on his vocation to be more.

Keywords: being a teacher; being more Freirean; ontology.

El ser más freiriano y sus perspectivas ontológicas: implicaciones en el ser docente

Resumen

El artículo tiene como objetivo presentar las implicaciones de la perspectiva ontológica freireana del ser más en la enseñanza. A partir de una investigación bibliográfica en obras de Paulo Freire y en publicaciones de especialistas relacionadas con el tema, encontramos que la perspectiva ontológica freiriana del ser más tiene implicaciones en la enseñanza. A través de una revisión bibliográfica y del diálogo entre autores, ideas y conceptos, se propone un debate sobre el alcance teórico y epistémico del ser más de Freire, considerando la posibilidad de su comprensión como fundamento ontológico del ser docente, incluyendo diferentes dimensiones que permean la formación de los profesionales que actúan en la educación. Con este estudio, se espera el rescate y continuidad de las proposiciones freirianas al ser docente, desde su vocación de ser más.

Palabras clave: ser docente; ser más freiriano; ontología.

* Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação - Universidade Católica de Brasília (UCB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4238-0139> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8439116307383334>
E-mail: gcca99@mail.com.

** Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), com estudos na Universität Bonn (Alemanha). Pós-Doutorado na Universidade de Lisboa (Portugal). Professor Permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação - Universidade Católica de Brasília (UCB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9228-3420> . Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1313028025195912>
E-mail: carlosangelos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Quais são os fundamentos que perfazem o ser docente? Esta é uma pergunta geradora que perpassa a formação e a experiência de profissionais que atuam na educação todos os dias. De igual modo, esse questionamento inicial carrega consigo variáveis de contexto, temporalidade, recursos, infraestrutura, investimentos, aspectos individuais e coletivos, dentre outras questões que se somam à formulação de uma resposta à constituição do ser docente.

Em continuidade a essa pergunta geradora, é possível adicionarmos perspectivas de sua compreensão como questionamento e, também, buscarmos especificidades que a sustentam como tal. O ser docente possui, de imediato, ao menos dois direcionamentos de sua compreensão: o ontológico e o profissional.

No que se refere ao estofo profissional de definição da identidade docente, encontramos estudos que vão ao encontro desta temática em específico. O trabalho compreendido como função social e agente transformador da realidade é uma das principais formas que encontramos para a estruturação do argumento sobre o ser docente e sua relação com o trabalho, tal como tratado por autores como Saviani e Duarte (2010) e Peixoto (2016), que abrem possibilidades de questionamento da relação entre trabalho e ser docente que vão dos fundamentos ontológicos aos aspectos econômicos, culturais e históricos de sua identidade profissional.

Por outro lado, é possível também angariarmos elementos para um debate envolvendo o ser docente em uma perspectiva de diálogo mais profundo entre identidade e ontologia. Esse argumento é encontrado, por exemplo, em obras de Pimenta (1998), Moreira (2017), Moraes (2018) e Duarte (2012) que, de formas diferenciadas, relacionam fundamentos ontológico-existenciais ao estofo epistemológico e teórico da prática pedagógica e formação docente.

Ao encontro dessas duas possibilidades de se pensar o ser docente, há, neste artigo, a proposição de trabalhá-las em consonância com suas diferenciações e aproximações teórico-metodológicas. O ser docente, em sentido amplo, alcança a profundidade epistemológica tanto quanto se possa questionar a natureza da formação, identidade e atuação dos(as) professores(as). Em sentido restrito, também possibilita que sejam visualizadas imersões de recortes, temas e aplicações de sua compreensão nas ciências da educação e suas especificidades.

Consideramos que o debate envolvendo o ser docente possui, em si mesmo, o fim que fundamenta. Compreender o sentido e propósito a partir do ser docente permeia questões que remetem à identidade, ao trabalho e à formação desses profissionais. A ontologia como pilar deste debate, contribui para o seu aprofundamento, problematização e alcance de resultados, e para compreensões sobre a complexidade da formação e identidade docente.

No que se refere à educação, o ser docente abrange todas as suas nuances e sua complexidade, contemplando desde a educação formal, por meio das etapas e modalidades de ensino e ensino superior, até as outras formas de produção, aquisição e difusão do conhecimento. Como epistemologia da prática, ou seja, em relação ao debate teórico e metodológico da atuação profissional na educação, inquirir e encontrar respostas ao propósito docente vai ao encontro das diferentes temáticas que compõem a complexidade da educação.

Propomos diferentes formas de problematização a respeito do ser docente, considerando sua realização com o trabalho, formação e identidade dos professores(as) em sua atuação na educação, seja na Educação Básica, no Ensino Superior e em outras possibilidades de estudo envolvendo o processo de ensino e aprendizagem.

Tendo a questão do ser docente posta, torna-se possível a estruturação das vias teórico-metodológicas de proposição de seu aprofundamento. Considerando-se autores da filosofia como Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, almeja-se, dentre outros objetivos secundários, uma caracterização ontológica do ser docente atrelado à prática pedagógica por meio das contribuições de Paulo Freire e demais obras e discussões que possuam a questão ontológica da formação docente como seu ponto de partida e chegada.

Três são os momentos do debate proposto neste artigo que acompanham o seu desenvolvimento: fundamentos ontológicos que subjazem o ser docente; o ser mais freiriano; o ser docente e sua identidade profissional e o trabalho em sua relação com o ser docente.

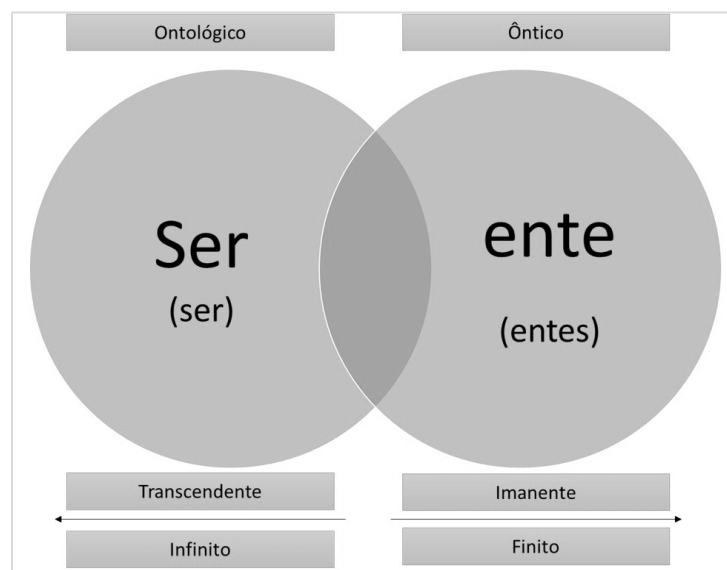
Fundamentos ontológicos que subjazem ao ser docente

O referencial teórico que perfaz o debate ontológico é amplo e complexo, remontando aos idos de escritos do fundador da fenomenologia Edmund Husserl (1859-1938) em obras como *Logische Untersuchungen. Erster Teil: Prolegomena zur reinen Logik* (Investigações Lógicas, Vol. 1) , de 1900; *Logische Untersuchungen. Zweiter Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis* (Investigações Lógicas, Vol. 2), de 1901; *Die Idee*

der Phänomenologie. Fünf Vorlesungen (A Ideia de Fenomenologia), de 1907 e, por fim, Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. (Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica), de 1913. Nessas obras havia a formulação, com algumas variações, do método fenomenológico estruturado a partir da epoché, com vista ao alcance da transcendentalidade da consciência.

As investigações efetuadas por Husserl influenciaram toda uma geração de pensadores, especialmente na primeira metade do século XX (Bicudo, 1994; Ales Bello, 2006; Cerbone, 2012). Na Figura 1, observa-se, em síntese, o impacto da fenomenologia e do método fenomenológico. À esquerda, há a fundamentação secular do Ser, compreendido como o campo ontológico, do sentido e transcendência. Por vezes, o ser, tal como representado, está atrelado a significações máximas de abstração ou distanciamento da materialidade ou concretude, a uma deidade, ou a diferentes representações e tradições religiosas.

Figura 1 – Relação entre o Ser e o ente



Fonte: elaborada pelos autores (2022).

À direita se encontra a representação do ente e sua inevitável, esperada, buscada e inexorável ligação e correlação com o (S)er. Novamente, em linhas gerais, temos a possibilidade de qualquer coisa, seja material ou imaterial, possuir o seu sentido, o seu ser. Ao encontro da ideia de Ser, na forma absoluta, há tanto o ser, a essência, do ente em si mesmo, quanto a possibilidade de se idealizar o apanhado de todo o sentido a tudo que existe, novamente correlacionado à ideia de um sentido que beira o absoluto: o Ser com “S” maiúsculo, utilizado com frequência por diferentes fenomenólogos.

Para além desses fundamentos, no que concerne à ontologia fenomenológica, temos as diferentes formas que as proposições fenomenológicas husserlianas obtiveram com seus seguidores, discípulos ou autores que, de alguma maneira, deram continuidade a seus questionamentos, tais como Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). Cada um desses autores, a partir de suas contribuições e reflexões, formularam posicionamentos e postulados próprios à ontologia. Para Heidegger, em sua formulação própria da ontologia fenomenológica, temos que:

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de comprovação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. Ontologia só é possível como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. O ser dos entes nunca pode ser uma “atrás” da qual esteja outra coisa “que não se manifesta” (Heidegger, 2008, p. 75).

Nas proposições de Merleau-Ponty (2011), observa-se uma aproximação com o debate de Husserl sobre as essências. O diferencial, neste caso, é a afirmação prévia de que tal movimento deve se pautar a partir da facticidade do mundo, ou seja, mesmo que o ser humano possua o seu status ontológico como elo e abertura ao transcendente, é no mundo finito e fático que devem ser provocadas as reflexões atinentes à ontologia fenomenológica:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (Merleau-Ponty, 2011, p. I).

Pode-se considerar, por exemplo, a primazia do ente humano como sendo a emanção da diferenciação ontológica com os demais entes do e no mundo, tal como fundamentado por Heidegger em sua ideia de Dasein, ou seja, o ser-aí. O posicionamento da existência, a partir desse protagonismo e fundamento ôntico-ontológico, está presente em diferentes formulações do autor alemão, e é utilizada como referência em debates didático-pedagógicos no que diz respeito à essência do mundo habitado, percebido e transformado pelos seres humanos.

Para Heidegger (2008, p. 75): “A fenomenologia é a via de acesso e o modo de comprovação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. Ontologia só é

possível como fenomenologia”. Em outras palavras, há uma relação direta da essência dos entes em seu manifestar-se por meio deste ente, sendo a essência, e o ser o momento em que o ente, a porção ôntica do mundo, evidencia-se em seu sentido de ser: “O ser dos entes nunca pode ser uma “atrás” da qual esteja outra coisa “que não se manifesta” (p. 75).

Como será apresentado adiante neste estudo, a ideia do Dasein de Heidegger se aproxima do que é defendido por Freire, quando o educador brasileiro argumenta: “Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender” (Freire, 2022, p. 55-56). Portanto, o ser-aí é o ente do sujeito em seu existir, um ente que possui como o seu ser questionar e des-velar o ser dos demais entes do e no mundo.

O ser-aí, tradução direta de Dasein (da = aí, sein = ser), possui o significado temporal e espacial da existência em sua (in)finitude. Também é o ser-aí, e por meio de suas relações e significações com tudo que lhe está ao redor e consigo próprio que, fenomenologicamente, considera-se o mundo, como totalidade das vivências e do devir existencial do ser-aí. O ser-aí, fenomenologicamente, localiza-se na fresta ôntico-ontológica, como ponte entre o finito e infinito, eventualmente chamado também de diferença ontológica, pois é a partir do ser-aí que o ser dos entes se torna possível e passível de percepção, experiência, inquirição e até mesmo compreensão.

Dois variações do ser-aí heideggeriano são comumente encontradas em outros autores e debates fenomenológicos: o Ser-em e o Ser-no-mundo – no segundo caso, com presença em escritos freirianos por meio da obra de Sartre. Ser-em é uma das variações do ser-aí heideggeriano. Como principal característica, o ser-em possui a variabilidade dos sentidos da existência como sua maior significação. O em que prossegue ao ser da expressão vai ao encontro dos estares do ser-aí, a todo momento e em todos os lugares. Em síntese, o ser-em abre-se em sentido tal como as infinitas possibilidades de ser, estar, desejar, sentir, saber e fazer que o ser-aí possui.

O ser-no-mundo se refere à relação entre o ser-aí com o mundo. Esse mundo conceituado por Heidegger está diretamente ligado a todas as ações, pensamentos, emoções, sentimentos, vivências, significações, contradições e demais formas de se estar, ser e viver a partir da tríade fenomenológica formada pelo eu (o próprio ser-aí), o(s) outro(s) (que eventualmente formam a alteridade e coletividade na e da qual o ser-aí faz ou não parte) e o

mundo, na junção, intersecção e justaposição das duas outras, juntamente com a materialidade e imaterialidade de todo o devir da existência.

Em outra obra, Heidegger (2008, p. 48) amplia e deixa mais clara a sua definição de ontologia fenomenológica a partir do ente humano, o ser-aí que estrutura todo o seu olhar ontológico: “Chamamos existência ao próprio ser com o qual a presença pode relacionar-se dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se relaciona de alguma maneira”. A importância da confluência espacial-temporal-existencial da fenomenologia heideggeriana se assemelha, em diferentes aspectos, às formulações elaboradas por Merleau-Ponty(2011).

Em diálogos possíveis, e estabelecidos com o Dasein heideggeriano, Sartre (2008) enfatiza o poderio ontológico, histórico e epistemológicos desse fundamento da fenomenologia. No caso do autor francês, o que observamos é uma abertura singular para o ente humano, no sentido de sua presença, influência e, também, possibilidade de compreender (e, como diria Heidegger, fundar) o próprio mundo que habita como ser-no-mundo

Como “seres das lonjuras”, somos livres para significar o mundo, vivê-lo, aprendê-lo e apreendê-lo, se partirmos, por exemplo, da educação pela perspectiva existencialista encontrada em Akkari, Mesquida e Valença (2003). Nossa liberdade, a partir dessas considerações, é estar em contato inerente e irrefutável com o mundo e nossa própria natureza e realidade. Somos livres para nos fundarmos em significação e próprio sentido para a existência na relação Em-si e Para-si, como explica Sartre (2008, p. 545).

A liberdade do devir-vida se dá no (in) finito da existência como realidade humana. Novamente temos o cotidiano como fenomenicidade de tornar-se extraordinário e único, narrando-os como grafias, estares e estados do ser na facticidade: “Para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo.” (Sartre, 2015, p. 50). Muito do que é trabalhado por filósofos fenomenólogos e existencialistas é justamente transpor a barreira do narrado para a experiência, em similaridade do que é colocado. No sentido sartreano, portanto, temos que: “[...] um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado por suas histórias e pelas histórias dos outros, vê tudo o que lhe acontece através delas; e procura viver sua vida como se a narrasse. Mas é preciso escolher: viver ou narrar” (Sartre, 2015, p. 50).

O ser mais freiriano

Abaixo dos trópicos, Paulo Freire se insere nessa reflexão filosófica e antropológica como um dos mais conhecidos pensadores da educação mundial, a partir de sua vasta obra e igualmente inserção em diferentes realidades, como a do Brasil, Chile, Suíça, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau entre outros, além de ter sido um professor convidado em várias universidades do mundo.

Freire (1981, 2007, 2022) apresenta em sua concepção de ser humano a distinção antropológica entre uma adaptação ao mundo e uma inserção no mundo. No primeiro caso, o ser humano se movimenta no sentido de responder, adaptar o seu corpo e relações às condições históricas, materiais, geoclimáticas, entre outras, para poder se desenvolver enquanto ser. No segundo caso, isto é, de inserção no mundo, há um processo de se colocar, posicionar diante da realidade que o envolve, acentuando o fato de que ele “não apenas está no mundo, mas com o mundo”, e explica que “Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 2022, p. 56).

A realidade do mundo está aberta a esses movimentos de adaptação ao mundo e intervenção nele. Neste segundo movimento, o ser humano realiza uma dupla ação de construção de si e do meio que o envolve, do mundo no qual está e o transforma, não apenas se adaptando e sendo passivo aos imperativos da realidade objetiva do mundo. Como seres inacabados, somos constantemente incitados, no mundo, a uma busca permanente dessa humanização nas relações entre nós mesmos e o mundo.

Nesse sentido, enquanto ser de relações humanas e com o mundo, para fortalecer a sua constituição enquanto tal, o ser humano se relaciona no mundo e com o mundo de uma forma singular, puramente humana. Suas interações possuem necessariamente dimensões de pluralidade, transcendência, criatividade e temporalidade (Freire, 2022), sob o risco de não o distinguir de uma esfera meramente animal, que embora, também o constitua, indubitavelmente não o basta e não o revela em sua vocação ontológica: ele é vocacionado a ser mais.

Nessa busca humana de ser mais, existe uma pluralidade que caracteriza suas relações com o mundo diante das respostas, não padronizadas, que é solicitado a dar ante a variedade de seus desafios. Freire (2022) assevera que essa pluralidade se encontra tanto face aos

desafios do contexto, quanto na necessidade de reinvenção, inclusive frente a um mesmo desafio. O ser humano se desafia, se testa, age, cria consciência diante do desafio. Em suas palavras, “Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade” (Freire, 2022, p.56).

Outras características do ser mais freiriano são a criatividade e criticidade, pois o ser humano é desafiado a capturar os dados objetivos da realidade e suas inter-relações – não de uma forma fixa, dada, acabada, reflexa, mas de forma reflexiva (Freire, 2022), com possibilidade de alteração, transformação com aprimoramento de si e do mundo, concomitantemente a suas relações em geral.

A perspectiva antropológica freiriana possui um acento no ser humano contextualizado na realidade do mundo e em relação com os outros. Nessa circunstância em que se dá o apelo ao ser mais, há o risco de desumanização que é contrário ao ser mais freiriano. No seu clássico “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1981) adverte para o fato de que na relação opressor e oprimido, na qual há uma mão dupla de negação do ser mais, há de se superar essa relação de negação da vocação ontológica, pois se gera uma desumanização de ambos. Tais relações são marcadas pela alienação de si e da realidade que demanda mudança, transformação. Para tanto está em jogo a liberdade humana e, concomitantemente, a sua responsabilidade de conquistá-la, pois liberdade não é uma doação e requer busca, decisão pessoal e coletiva, enquanto classe social.

Por sermos seres inconclusos, tendo em vista superar essa relação que nega o ser mais humano tanto no opressor quanto no oprimido, Freire (1981) enfatiza a imperiosa e intransferível condição de se retomar o ser mais, negado nessa relação alienante. Assim, há de se tomar nas mãos a sua história, o que implica reconhecer criticamente a razão da situação e, a partir desse reconhecimento, encetar uma ação transformadora, com a finalidade de se instaurar outra realidade. Nisso reside a luta pelo ser mais.

A busca do ser mais de todos é condição necessária para uma sociedade na qual as relações não se pautem na violência, pois ao negar, obstaculizar ao ser humano o papel de sujeito de sua história, de sua busca no contexto da existência no mundo, há uma violência na coisificação, tornando-o objeto, alienando-o de suas decisões e responsabilidade, transferindo-as indevidamente a outros.

Freire (1981) adverte, no entanto, que sendo a vocação histórica do ser humano o ser mais, ela pode ser negada, contraditada pela desumanização presente na história. Diante dessa possibilidade e, infelizmente, constatável realidade de negação do ser mais na história do mundo, o movimento de busca do ser mais, “só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, à humanização dos homens” e diante de sua negação, ela “deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar” (Freire, 1981, p. 179).

Para Freire, o ato de educar, a práxis docente deve ser e promover essa vocação ao ser mais freiriano de forma que na mundanidade e transcendentalidade (TV PUC-SP, 1997), características que também constituem essa vocação, o educador(a) assuma, segundo Freire (2007, p.25) o “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem”. Nessa perspectiva, reflete-se a seguir sobre as relações entre o ser docente, a identidade profissional e o ser mais.

Ser docente pela sua identidade profissional

A identidade profissional docente está intimamente ligada com a ontologia de sua atividade pedagógica. O trabalho, como imperativo da composição ontológico-existencial do professor, perpassa os caminhos de sua constituição como pessoa, como um ser que habita, percebe e transforma o seu mundo ao redor, que está-no-mundo, tal como fundamentado por diferentes filósofos da fenomenologia como método.

Vocação, propósito, formação e identidade compõem camadas e perspectivas do fundamento ontológico do ser docente. Diferentes autores e trabalhos vão ao encontro de tais ideias, como, por exemplo, Candau (1997), Loughran e Russell (1997), Sockett (2008), Pimenta (1998, 2003), André (2010), Imbernón (2011), Gatti (2014), Tirri, Moran e Menon Mariano (2016) e Pinheiro, Silva e Melo (2021). De acordo com André (2010, p. 176): “O processo de constituição da identidade profissional deve ser, portanto, um dos componentes da proposta curricular que dará origem aos cursos, atividades, experiências de desenvolvimento profissional dos docentes” (André, 2010, p. 176).

Em continuidade a esse ponto de partida, a autora afirma que: “Investigar o que pensa, sente e faz o professor é muito importante, mas é preciso prosseguir nessa investigação, para relacionar essas opiniões e sentimentos aos seus processos de aprendizagem da docência e seus efeitos na sala de aula” (André, 2010, p. 176). A complexidade da composição ontológica

da identidade docente é formulada por Pimenta (1998, p.7), que exemplifica alguns desses questionamentos a partir da realidade, história de vida e contexto nos quais esses docentes estão inseridos, “ Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas”.

Pode-se, por exemplo, utilizar um parâmetro epistêmico-filosófico da profissão e identidade docente para se reafirmar tal posição ontológica da prática pedagógica: “Tornar-se professor – para nos servirmos do célebre título de Carl Rogers, Tornar-se pessoa – obriga a refletir sobre as dimensões pessoais, mas também sobre as dimensões coletivas do professorado” (Nóvoa, 2019, p. 6). E o autor complementa: “Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores” (p. 6).

Ainda de acordo com o autor português, essa constituição da identidade docente pode ser dividida em três momentos: a formação inicial, a indução profissional e a formação continuada. Para o autor, essa posição tripartite possui “como pano de fundo a necessidade de repensar a profissão de professor à luz dos desafios atuais, face ao fim do modelo escolar e ao princípio de um novo tempo para o ensino e a educação” (Nóvoa, 2019, p. 8). Este novo tempo se daria por meio da superação de concepções fechadas da identidade docente, ou seja, uma abertura à diferenciação, profundidade e complexidade do sentido da atuação profissional na prática pedagógica.

Ao se ampliar as possibilidades de definição e alcance da identidade docente, surgem aberturas para dimensões que permitem o seu aprofundamento como reflexão, realidade e percurso formativo profissional e pessoal, conforme Marcelo (2009).

O autor complementa tais ideias sobre o eu e identidade docente em diferentes conjuntos de experiências. É importante colocar em relevo o fator ontológico-existencial de tais variabilidades experienciais, ou seja, a maneira como se é parte do mundo evidencia, de igual modo, uma via de mão dupla nessa interação e nas vivências (Marcelo, 2009).

Por fim, tal como defendido por Nascimento (2007), na identidade docente há dimensões que irão ao encontro das experiências formuladas por Marcelo (2009). Essas dimensões possuem como características desde aspectos culturais até os representacionais da expectativa da formação inicial à realidade da prática pedagógica como experiência do trabalho

como prática na educação. Em outras palavras, tem-se diferentes projetos atinentes à identidade docente.

Diferente dos estudos efetuados por autores como Damon, Menon e Bronk (2003), Riter, Dellazzana-Zanon e Freitas (2015) e Araújo, Arantes e Pinheiro (2020), é possível, também, adicionarmos as contribuições epistemológicas e metodológicas do ser docente a partir dos projetos pessoais, acadêmicos e profissional que estes sujeitos estabelecem para si, tal como fundamentado por Pinheiro, Silva e Melo (2021, p. 70): “Estudar os projetos de vida docentes torna-se uma vertente importante para adentrar no processo de constituição identitária pessoal e profissional de educadores”.

Em um exercício epistêmico-ontológico de correlação ao debate proposto, pode-se afirmar a conjunção da projeção da vida por múltiplos projetos ao ser do docente em seu acontecer – o “em” defendido, por exemplo, por Heidegger(2008). Se “Os projetos de vida compreendem uma força psicológica, por meio de uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é significativo para si e, ao mesmo tempo, possui a dimensão de impacto para além de si.” (Pinheiro; Silva; Melo, 2021, p. 70) então, há o devir da existência pelas escolhas e desenvolturas que tais decisões possam vir a estabelecer na vida dessas pessoas, já que:

A identidade docente como projeto e devir do acontecer se complexifica, torna-se um desafio às escolhas e à composição identitária desses profissionais, tornando-se “um processo complexo que envolve tentativas, reflexão, ajustes, mais tentativas, mais reflexões” (Pinheiro; Silva; Melo, 2021, p. 70). A continuidade, atualização e persistência no questionamento sobre o ser docente se mostra, deste modo, a via pela qual a possibilidade de sua compreensão se torna imprescindível aos sujeitos ligados pelo seu trabalho à educação.

O ser mais freiriano na docência se constitui na proporção e na medida em que o ser humano que assume o ser docente não nega a sua vocação ontológica de ser mais e, na consciência de sua incompletude, busca-a na relação com o mundo. Nesse caso, o mundo se apresenta diretamente nos espaços de exercício dessa busca na realidade da ação docente. As dimensões da criatividade e criticidade, anteriormente apresentadas, devem ser acentuadas, especialmente nas realidades de negação dessa vocação, em processos de desumanização, tanto nas macroestruturas sociais, quanto nas microrrelações sociais dos espaços escolares, por exemplo. Maldonado-Torres (2007) alerta que sobretudo os processos de colonialidade do

ser produzem a violação do sentido de sua alteridade; conseqüentemente, nega o ser mais freiriano, por gerar a invisibilidade e a desumanização, produzindo subalternidades que se chocam com a vocação humana do ser mais.

A educação bancária é um exemplo notório de negação de uma docência que busca o ser mais. Antes, pelo contrário, estimula e reforça o ser menos e desumaniza na ação colonizadora da relação opressora e na passividade alienante. Nesse sentido, Freire (2022) vê na docência democrática uma privilegiada mediação de construção do diálogo que é fundamento da possibilidade da busca do ser mais, pois abre e estimula a escuta do outro e busca a comunhão da transformação e aprimoramento da realidade frente aos desafios do mundo e de sua leitura, que precede a da escrita. Em suas palavras, critica as soluções paternalistas que alienam, pois geram dependência e mutismo, não o enfrentamento do desafio de estar no mundo e de transformá-lo em comunhão.

Assim, uma docência deve ser e promover processos educativos nos quais a comunicação se desenvolva com base no diálogo, na alteridade do outro, que se não for considerada no ponto de partida, não criará movimentos do ser mais do indivíduo e da coletividade. O docente tem um papel fundamental no combate à inexistência democrática, gerando processos metodológicos ativos, não meramente instrumentais, que oportunizem criticizar a realidade, a si e seus participantes por meio de debate de situações desafiadoras, como visto na experiência de Angicos. Essas situações devem ser existenciais para os(as) educandos(as), para criar significado e transformação (Freire, 2022, p. 106).

De acordo com Holliday (2021), Freire nos convida a, enquanto sujeitos, transformarmos a história e concomitantemente nos transformarmos como pessoas, como seres inacabados, realizando dessa forma nossa vocação ontológica de ser mais. Desafia-nos “a construir processos democráticos que respeitem e promovam eticamente a autonomia e criticidade das pessoas e não apenas ponham em prática métodos, técnicas ou procedimentos pré-definidos, ou mesmo apliquem mecanicamente receitas rápidas” (Holliday, 2021, p. 52).

O trabalho e sua relação com o ser docente

Para a relação entre trabalho, fundamento ontológico do ser docente e identidade profissional docente, os estudos de Saviani (2007; 2010; 2013) indicam importantes caminhos teóricos e metodológicos. Segundo o autor, “A produção da existência implica o

desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem” (Saviani, 2007, p. 154).

Em outra perspectiva da fundamentação ontológico-existencial do ser docente, Saviani (2007, p. 154) explicita ainda mais sua posição a partir da essência do próprio ser humano em sua condição existencial: “Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo”.

De início, prima-se pela definição da própria ideia de formação humana: “A formação humana coincide, nessa acepção, com o processo de promoção humana levado a efeito pela educação” (Saviani; Duarte, 2010, p. 423). Esse processo formativo eleva o grau de protagonismo e a centralidade da educação na composição ontológico-existencial da formação humana.

A existência e a essência da identidade, alcançada como tal por meio do trabalho, vão ao encontro das reflexões anteriormente apresentadas. Em outras palavras, é a produção e a formação do mundo e de si, por meio da transformação da realidade social, que tomam frente no posicionamento de Saviani (2007), aproximando-o de proposições ontológico-fenomenológicas de autores que fazem uso dos fundamentos desses postulados, direcionando-os ao debate histórico, materialista e dialético a partir da categoria trabalho:

Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Assim, a pergunta sobre os fundamentos ontológicos da relação trabalho-educação traz imediatamente à mente a questão: quais são as características do ser humano que lhe permitem realizar as ações de trabalhar e de educar? Ou: o que é que está inscrito no ser do homem que lhe possibilita trabalhar e educar? (Saviani, 2007, p. 153).

O trabalho e a educação formam, portanto, o que Santos (2016) denomina de *ethos* profissional, ou seja, diferentes e complexos processos formativos que perpassam a formação e a atuação dos professores. O tornar-se e, principalmente, transformar-se a si próprio e ao mundo em que está inserido como profissional docente, leva tais sujeitos a uma condição singular dos múltiplos caminhos que sua identidade pode tomar.

O trabalho, a realidade social, a história e o contexto confluem uns com os outros na formação desse ethos. A somatória dessas partes, elementos, contradições e sobreposições fazem parte da perscrutação ontológico-existencial do trabalho como fundamento primeiro da identidade docente. Em um sentido aberto ao coletivo da identidade e do trabalho docente podem ser encontradas contribuições que, tendo a identidade e o ser docente como pontos de partida, vão ao encontro desse substrato do ethos, da coletividade transformadora e, também, libertadora da atividade profissional dos professores como autorreconhecimento de seu papel na sociedade (Galindo, 2004).

Scocuglia (1999), Pereira (1999), Dale (2003), Galindo (2004), Moreira (2014) e Moreira (2017) são exemplos de autores que unem perspectivas ontológicas do trabalho, especialmente a partir de Sartre e das contribuições estruturadas com base nos fundamentos freirianos do professor como e sendo-no-mundo que habita para a problematização do ser docente a partir do trabalho e realidade social e sua transformação e, eventualmente, a superação de suas contradições.

Apresenta-se, nesse contexto, o ser mais, quando consideram que “Os seres humanos, como seres inacabados, estão num processo de busca contínua de autorrealização”. Em meio a contradições da realidade social e história “que por diversos motivos e de diversas maneiras são impedidos por outros seres humanos de cumprirem sua própria vocação ontológica (Melo Júnior; Nogueira, 2011, p. 13).

A exemplo do que é formulado por Calado (2001), a partir de diferentes textos de Paulo Freire (1981, 2000, 2014a, 2014b), pode-se alcançar o que o autor pernambucano elaborou como sua proposta ontológico-existencial da atuação como professor a partir da ideia de ser mais.

Nas palavras do próprio autor, “o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se-lhe como um imperativo que deve ser existencializado” (Freire, 1969, p. 127). Neste mesmo sentido, Freire estabelece os fundamentos do ser mais como humanização do próprio homem, seu propósito e sentido no mundo a partir da educação e por meio dela.

O que se apresenta a nós, nessas palavras, é a “concepção freireana da vocação ontológica dos seres humanos: serem mais.” que, ao mesmo tempo que propõe uma ontologia problematizadora do ser docente, “busca-se demonstrar como a partir dessa vocação se

estabelece a relação entre os seres humanos e o mundo no qual se encontram inseridos” (Melo Júnior; Nogueira, 2011, p. 3).

A humanização do ser mais é a superação do homem como coisa, apartado do mundo que o habita e autômato da realidade em que está inserido. O ser mais, para além da realização e composição do sentido da identidade e vocação é, ao mesmo tempo, a superação desse estado de divisão, um reencontro interno-externo do ser docente como fundamento ontológico da e na atividade profissional na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma exposição sobre o ser mais freiriano enquanto vocação ontológica do ser humano, este artigo visou explicitar as implicações dessa mesma vocação no ser docente. Para tanto, foram buscados aportes em Heidegger e Sartre, almejando uma caracterização ontológica do ser docente atrelada à prática pedagógica por meio das contribuições de Paulo Freire e demais obras e discussões que possuíam a questão ontológica da formação docente como seu ponto de partida e chegada.

No decorrer de nossa exposição sobre os fundamentos ontológicos que subjazem o ser docente, o ser mais freiriano, o ser docente pela sua identidade profissional e o trabalho e sua relação como o ser docente, ficou evidenciado que o ser mais freiriano coloca o ser humano no mundo e com o mundo, o que resulta em uma abertura à realidade, tornando-o um ente de relações que é, como afirma o próprio Paulo Freire (2022).

O ser docente não deve se apartar da vocação ontológica do ser mais freiriano em suas características de ente de relações criativas, críticas, pluralistas, transcendentais e históricas. O ser mais freiriano potencializa a docência aberta ao diálogo que em processos comunicativos de emancipação quebra a ação desumanizante e de negação do ser mais, presente duplamente na relação entre opressor e oprimido.

O docente, como especialista em promover diálogos que gerem relações fraternas e democráticas, possui um papel importante nos processos de educar para a emancipação, pois somente assim se consubstancia o ser mais de todos, especialmente em situações do mundo em que há desigualdade e opressão.

Conforme assevera Sousa (2021, p.71), “Escutar as vozes silenciadas ao longo de nossa história, requer uma postura ética distinta de quem assume, conscientemente ou não, em sua

situação de classe social, ser opressor”. Há de se superar essa relação opressor-oprimido e, assim como afirmou Freire, é no polo do oprimido que assume o ser mais, conscientizando-se de sua alienação, que se rompe com essa violência vivenciada. Uma docência emancipadora se faz nesse chão.

REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil; MESQUIDA, Peri; VALENÇA, Regina Berbetz. Prolegômenos para uma prática educativa existencialista. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 9, p. 1-6, 2003. Disponível em: <https://www.eletrica.ufpr.br/graduacao/noturno/ref/PraticaEducativaExistencialista.pdf> Acesso em: 13 out 2022.

ALES BELLO, Angela. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Ir. Jacina Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, v. 33, n. 3, p. 174-181, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075>. Acesso em: 15 out 2022.

ARAÚJO, Ulisses; ARANTES, Valéria; PINHEIRO, Viviane. **Projetos de vida: Fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais**. Summus Editorial, 2020.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. *In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS E PESQUISA QUALITATIVOS. Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15-22.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire: sua visão de mundo, de home e de sociedade**. Caruaru: FAFICA, 2001.

CANAU, Vera Maria. Formação Continuada de Professores: Tendências Atuais. *In: CANAU, Vera Maria (Org.). Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CERBONE, David. **Fenomenologia**. Editora Vozes Limitada, 2012.

DALE, John. Freire, Aristotle, Marx, and Sartre: A critique of the human condition. **Midwest Research-to-Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education**. 2003. Disponível em: <https://scholarworks.iupui.edu/items/c38b68d4-6999-4586-b2e3-e6ecce413ed0/full#:~:text=https%3A//hdl.handle.net/1805/310> Acesso em: 15 out. 2022.

DAMON, William; MENON, Janni; BRONK, Kendall Cotton. The development of purpose during adolescence. **Applied Developmental Science**, v. 7, n.3, p. 119-128, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254469430_Damon_W_Menon_J_Bronk_KC_The_development_of_purpose_during_adolescence . Acesso em: 12 fev. 2022.

DUARTE, Newton. **Lukács e Saviani: a ontologia do ser social e a pedagogia histórico-crítica**. *In: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 1-17.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Última entrevista de Paulo Freire**. TV PUC-SP. [Entrevista concedida a Luciana Burlamaqui]. TV PUC-SP, São Paulo, 17 abr. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ul90heSRYfEA>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GALINDO, Wedna Cristina Marinho. A construção da identidade profissional docente. **Psicologia ciência e profissão**, v. 24, p. 14-23, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YDL7fhTPbzb9tQvd7YLKgSz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, n. 100, p. 33-46, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164>. Acesso em: 15 out. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 3. ed. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem**: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLLIDAY, Oscar Jara. “Não quero ser repetido ... Quero ser reinventado”: desafios do pensamento de Paulo Freire para a atualidade. *In*: SOUSA; Carlos Ângelo de Meneses; LOPES, Carlos.; FRANZEN, Delci Maria; VALE, Elisabete Carlos (org.). **Cartas para Paulo Freire**: da leitura do mundo à leitura da palavra. Brasília: Cátedra Unesco de Juventude Educação e Sociedade/UCB & Teresina: Editora Pathos, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/cartas-para-paulo-freire-da-leitura-do-mundo-a-leitura-da-palavra/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional**: Formar-se para a Mudança e a Incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

LOUGHRAN, John; RUSSELL, Tom (Eds.). **Teaching about teaching**: purpose, passion and pedagogy in teacher education. Psychology Press, 1997.

MALDONALDO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez., 2009. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/8>. Acesso em: 15 out. 2022.

MELO JÚNIOR, Ebenezer da Silva; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais”. **Formação@ Docente**, v. 3, n. 1, p. 15-30, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12742> Acesso em 15 out. 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papirus, 2018.

MOREIRA, Janine; ROSA, Marisa de S. Thiago. **Educação libertadora e liberdade existencialista: um encontro entre Paulo Freire e Jean-Paul Sartre**. 2014. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/3509>. Acesso em: 14 out. 2022.

MOREIRA, Maria José. **O conceito sartreano de autonomia e a prática pedagógica de Paulo Freire**. Tese de Doutorado em Filosofia Área de Especialização em Filosofia moral e Política – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Nova Lisboa: Lisboa, 2017.

NASCIMENTO, Maria Augusta Vilalobos. Dimensões da identidade profissional docente na formação inicial. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, n. 41-2, p. 207-218, 2007. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_41-2_9. Acesso em: 2 mai. 2023.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em: 30 maio 2023.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Desafios da formação Universitária: Pensar a prática sob ontologia materialista. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 16, n. 68, p. 239-248, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643743>. Acesso em: 15 out 2022.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & sociedade**, v. 20, n. 68, p. 109-125, 1999. Disponível: <https://www.scielo.br/j/es/a/F3tFhqSS5bXWc5pHQ3sxxkxJ/?format=pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. **Orientação vocacional e decisão**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

PINHEIRO, Viviane; SILVA, Thainá Rocha; MELO, João Pedro Nicolete. Projetos de vida de professores: mudanças e permanências cognitivo-afetivas nas identidades docentes. *In*:

MARAFON, Giovanna; TORTELLA, Jussara; ROCHA, Maria Silvia (Orgs.). **Escola e desenvolvimento Humano: contribuições da Psicologia da Educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 67-89.

RITER, Helena da Silveira; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 1, p. 55-68, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702019000100005
Acesso em 14 de out 2022.

SANTOS, Vinício de Macedo. PNE e condição docente: para uma ontologia do trabalho docente. **Zetetike**, v. 24, n. 1, p. 173-188, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646536>. Acesso em: 15 out 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/>. Acesso em: 15 out. 2022.

SAVIANI, Dermeval. Debate sobre as relações entre educação, formação humana e ontologia a partir do método dialético. **Perspectiva**, v. 31, n. 1, p. 185-209, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n1p185>
Acesso em 15 out. 2022.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 422-433, 2010. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300002. Acesso em: 15 out. 2022.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Origens e prospectiva do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. **Educação e pesquisa**, v. 25, p. 25-37, 1999. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/TqdXqkcGMYXqG3xDdgRtmwv/?lang=pt>. Acesso em: 15 out 2022.

SOCKETT, Huhg. The moral and epistemic purposes of teacher education. In: COCHRAN-SMITH, Marilyn.; FEIMAN-NEMSER, Sharon; MCINTYRE, John.; DEMERS, Kelly. **Handbook of research on teacher education**. Routledge, 2008. p. 45-65.

SOUZA, Carlos Ângelo de Meneses. Quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente: cartas para Paulo Freire em tempos de internet e distanciamento social. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses; LOPES, Carlos.; FRANZEN, Delci Maria; VALE, Elisabete Carlos (Orgs.). **Cartas para Paulo Freire**: da leitura do mundo à leitura da palavra. Brasília: Cátedra Unesco de Juventude Educação e Sociedade/UCB & Teresina: Pathos, 2021. Disponível em:
<http://editorapathos.com.br/cartas-para-paulo-freire-da-leitura-do-mundo-a-leitura-da-palavra/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

TIRRI, Kirsi; MORAN, Seana; MENON MARIANO, Jenni. Education for purposeful teaching around the world. **Journal of Education for Teaching**, v. 42, n. 5, p. 526-531, 2016. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02607476.2016.1226551>. Acesso em: 15 out. 2022.

Recebido em: Maio/2023.

Aprovado em: Setembro/2023.